

Padre António Vieira

# A ideia do V Império na *Chave dos Profetas*



Por  
Mariana Bustorff  
Maria Pena Costa  
Margarida Castro Caldas  
11°F

Novembro 2008

## **O V Império, de Padre António Vieira**

Padre António Vieira defendia que a história da humanidade percorreria, durante a sua existência, três eras distintas: a idade do Pai, a idade do Filho e a idade do Espírito Santo. Nesta última, reinaria na Igreja a justiça e todos os povos coexistiriam em Paz.

Padre António Vieira desenvolveu, ao longo da sua vida, duas ideias distintas de V Império: uma presente da *História do Futuro*, e a outra, mais tarde concretizada, na *Chave dos Profetas*. Ambas visavam a existência do reino de Cristo sobre a Terra, mas enquanto que a primeira defendia que este Império se dividia em duas vertentes: espiritual (autoridade religiosa: Papa) e temporal (autoridade política: rei de Portugal), já a segunda englobava apenas uma vertente espiritual, em que a autoridade seria o próprio Cristo.

A compreensão actual desta ideia de V Império na *Chave dos Profetas* é a ideia de globalização, mas não com a concepção que tem hoje (visto que esta acarreta inúmeras injustiças), sendo um mundo global de harmonia na sociedade.

É esta ideia que pretendemos explicar com este trabalho.

### **A ideia do V Império na Chave dos Profetas**

Os antigos diziam que as pessoas são condenadas ao Inferno porque o seu pecado contém uma maldade infinita. No entanto, Padre António Vieira defende que nenhum pecado cometido por um Homem que ignore a existência de Deus é imortal e, assim, não pode ser castigado por tal eternamente.

S.Tomás e S.Boaventura defendiam que a malícia do pecado se agrava com o afastamento de Deus e ao voltar-se meramente para o Homem, ou seja, ao desprezar Deus, o Homem piora o seu pecado.

No entanto, diz-se que quem ignora (não conhece) Deus não pode afastar-se dele. Então, quem peca assim não comete pecado mortal nem pode ser vítima de uma pena eternamente infinita.

Isto explica-se pois no pecado distingue-se o voltar-se para o bem transitório e o afastar-se de Deus. Se o primeiro existir sem o segundo, não há pecado mortal.

Aqueles que não ouviram o Evangelho e que não sabem da existência de Deus, estão imunes de toda a culpa mortal e isentos de toda a pena imortal.

Quem conhece a Deus não só é castigado na vida através das penas a que é submetido, mas também na morte porque irá para o Inferno. E quem não conhece a Deus é apenas castigado na vida, não indo para o Inferno.

Deus não proporciona a todas as crianças os meios necessários à salvação por duas razões: porque cabe aos pais proporcionar essa mesma salvação e porque é suposto que o baptismo os salve do pecado mortal. Há quem defenda que as crianças, uma vez que ainda não são responsáveis pelo que fazem, passam essa tarefa aos progenitores, tal como é sempre culpa de alguém que as crianças morram sem baptismo. Vieira refuta esta opinião defendendo que ninguém pode ser culpado de não ser baptizado nos casos em que o baptismo não é sequer conhecido.

Deus é igual para todos, não sendo mais Deus das crianças do que dos adultos. Assim, esta teoria é válida não só para os mais pequenos, mas também para todos os outros que não têm conhecimento da palavra de Deus. E assim, todos, não só cristãos como também não conhecedores de Cristo, serão bem-vindos ao *V Império*.

Até os grandes teólogos, que dizem acreditar em Deus, confiam mais no seu próprio raciocínio que nos oráculos divinos.

No entanto, a Igreja deste Império Espiritual imaginado por Vieira é explicitada através duma metáfora presente na Sagrada Escritura:

*E um grande sinal apareceu no céu: uma mulher vestida de sol, com a lua sobre os seus pés, e na sua cabeça uma coroa de doze estrelas. (Apocalipse, 12)*

Esta frase representa uma alegoria em que a “mulher” que apareceu é interpretada como sendo a Virgem Maria, sendo no entanto a Igreja no seu tempo último. Explicando esta ideia através de várias metáforas, Padre António Vieira diz que esta surgiria fulgurante e de todos os lados como o Sol, luz e estrelas, devendo ser um dia iluminada pelo Pai e adornada com luz, esplendor e graça das virtudes e da fé.

Esta noção de *V Império* inclui necessariamente a existência de uma escatologia. Ou seja, um fim do Mundo como hoje o conhecemos, tanto espiritualmente como, mais tarde, em todos os outros aspectos, para que este Império de Cristo na Terra alcance o seu auge – o derradeiro tempo do mundo.

A verdadeira definição de Igreja surgirá no último tempo do Mundo, altura em que este alcançará a plenitude: a própria Igreja não sofrerá “sombras ou trevas ou eclipses na luz da fé”, muito diferente de agora, e será, como nos diz a escritura, cheia de luz, fundindo-se com o mundo num só.

De igual modo, este Império é ainda comparado com um dilúvio universal:

*Encheu-se a Terra do conhecimento do Senhor, tal como as águas do mar que cobrem. (Isaiás 11, 9)*

Assim, todo o Mundo será cheio da verdadeira fé em Deus, uma vez que nesta passagem as águas do mar (ou seja, a fé) são relacionadas com um dilúvio que cobriria não só o mar, como também a Terra.

Naquela altura, nem tudo o que era dito em relação à Igreja se referia ao seu estado presente, mas àquilo que esta iria alcançar nos tempos da sua plenitude.

Defendia-se que haveria dois dilúvios: o primeiro teria sido o dilúvio de Noé, que tinha devastado e extinguido toda a Terra, e o segundo, totalmente diferente, seria a água do baptismo, como um dilúvio que todos converteria. Esta era, portanto, a ideia em que assentava o *V Império*: a coincidência entre a Igreja e o Mundo.